

memória CULT



Ouro Preto - MG - Brasil - Ano XI - nº 31 - maio de 2021

memoriacult.com.br



Em busca de ouro, nas pegadas de Borba Gato: Sabará

por Manoel Hygino dos Santos

A Cachoeira dos Defuntos de Santana do Garambéu

por Marcos Paulo de Souza Miranda

Entrevista:

José Mauro da Costa

Em meados do século passado, as crianças aprendiam o que seria o limite do sistema solar, com distâncias em relação ao sol o famoso “minha (Mercúrio) velha (Vênus) traga (Terra) meu (Marte) jantar (Júpiter) sopa (Saturno) uva (Urânio) nozes (Netuno) pão (Plutão)...

Crescidas essas crianças, algumas delas se preparam para viagens interestelares por meio do tema **FICÇÃO CIENTÍFICA** do **Livro de Graça na Praça**, em nave pilotada pelo professor **José Mauro da Costa**, o grande comandante da aventura e do Livro de Graça na Praça, já na 19ª edição. Feitos fantásticos, com a distribuição de quase 2 milhões de livros.

Lembre-se: quando setembro vier embarque nessa sensacional aventura (www.livrodegracanapraça.blogspot.com) aos confins do Universo quando, pouco tempo depois, aqui na Terra já terão se passado muitos e muitos anos. O que verão? O que encontrarão lá? Como retornarão? O que encontrarão aqui? Algumas das respostas dessa Ficção Científica você encontrará no Livro de Graça na Praça 2021 conforme relatos (futuros, em setembro) da tripulação:



Anilda Figueiredo (CE)
Arthur Vianna (MG) \ Texto das "orelhas"
Bruno Terra Dias (MG)
Christian Coelho (MG)
Cicero Christóforo (MG)
Claude Boc (CE)
Claudinei Vieira (SP)
Edésio Batista (CE)
Eugênio Ferraz (MG) \ Prefácio
Fabiano Salim (BA)
Fernando Fabbrini (MG)
Geraldo Amâncio (CE)
João Camilo Torres (MG)
João Nicodemos (PB)
José Flávio Vieira (CE)
José Mauro da Costa (MG) \ Mensagem aos leitores
Josenir Lacerda (CE)
Leida Lusmar (MG)
Marina Ruivo (RO)
Olavo Romano (MG)
Rogério Tavares (MG)
Yuri Martins (SP)



Digitação e Diagramação: Gustavo Lara
Ilustrações: Walter Lara



Eis aí o número 31 da memória CULT!

Desta vez, focada em um projeto de enorme alcance social, o Livro de Graça na Praça, que já tem cerca de duas décadas de relevantes serviços prestados à sociedade. Agora, seu comandante mor, o professor José Mauro da Costa, estimula os partícipes da edição a escreverem sobre ficção científica... bom norte para tal edição!

É ele, pois, o grande artífice e continuador do Livro de Graça na Praça, o entrevistado desta edição.

Em seguida, Mário Cupello e Elizabeth Santos Cupello, descrevem ilustre mineiro, o Visconde de Rio Preto, homenageado em Valença, RJ.

Em seguida, o promotor Marcos Paulo de Souza Miranda, nos brinda com a interessante história da Cachoeira dos Defuntos de Santana do Garambéu.

Na sequência, o jornalista Silvestre Gorgulho, questiona por que “o Brasil é um excluído do conhecimento humano”.

O também jornalista Manoel Hygino dos Santos descreve Sabará, quando da busca do Ouro, nas pegadas de Borba Gato.

E, finalizando, o engenheiro e fotógrafo Dimas Guedes um ensaio fotográfico inaugural de uma nova seção desta revista.


Boa leitura.



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Sumário

Fotografia:Ricardo André Frantz — Wikipedia



20 **Em busca de ouro, nas pegadas de Borba Gato: Sabará**
por Manoel Hygino dos Santos

Fotografia:Dimas Guedes



27 **Dono da bola: meu sobrinho Bernardo**
Um Ensaio por Dimas Guedes

04 **Página do Artista**
Livro de Graça na Praça

05 **Entrevista:**
José Mauro da Costa

09 **Ilustre mineiro, patrono de Instituição Cultural**
por Mário Pellegrini Cupello e Elizabeth Santos Cupello

13 **A Cachoeira dos Defuntos de Santana do Garambéu**
por Marcos Paulos de Souza Miranda

16 **Brasil e o Prêmio Nobel 1**
por Silvestre Gorgulho



Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com. A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Tenho a honra de ter acesso a Revista Memória CULT, primeiro como leitor, segundo como escritor e terceiro como artista. É uma revista que mostra uma Minas Gerais no seu íntimo, pois, os artigos são de uma linha livre, onde se lê sobre arte, política, história, literatura e jurídicos. Sei o quanto é difícil publicar um artigo, imagine manter uma revista por tanto tempo, sem fins lucrativo, só mesmo a perseverança do nosso querido Eugênio Ferraz.

José Efigênio Pinto Coelho
Escritor e artista plástico

ÚLTIMA EDIÇÃO



A edição número 30 da Memória CULT trouxe artigo sobre estátuas em alumínio reciclado que comporão a escadaria da Igreja de São Francisco de Paula, em Ouro Preto, pelo artista plástico e escritor José Efigênio Pinto Coelho. O entrevistado foi o promotor Marcelo Azevedo Maffra. Confira a edição completa em memoriacult.com.br

EXPEDIENTE memória **CULT**
memoriacult.com.br

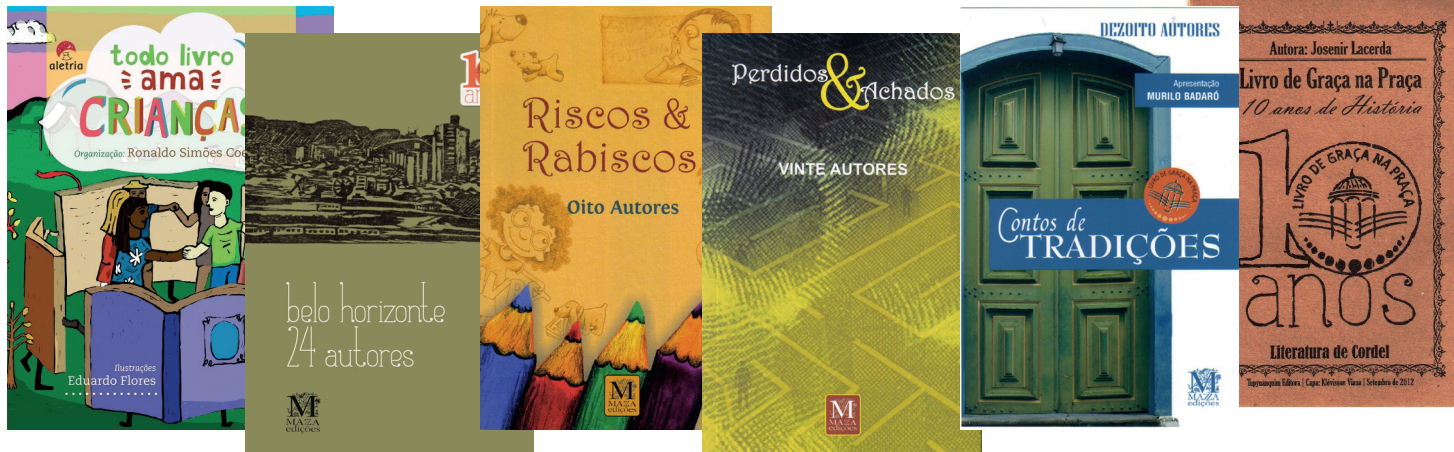
Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano XI - nº31 - maio de 2021
Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG
Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos
Foto da capa |



Artista da capa

Ao grandioso projeto do Professor Altruísta José Mauro da Costa, o entrevistado desta edição, rendemos uma homenagem ao seu bellissimo trabalho no Livro de Graça na Praça, que em 2021, completa 19 edições e caminha para 2 milhões de livros distribuídos Brasil afora. Neste ano, os autores escreverão sobre o tema “ficção científica”.

Fotografias: Acervo LGP



Alguns poucos livros e registros dos eventos do Livro de Graça na Praça ao longo dos últimos 18 anos.

José Mauro da Costa e o Livro de Graça na Praça



Fotografias:Acervo do entrevistado

Um herói da resistência cultural



Como surgiu a ideia do Livro de Graça na Praça?

Permita-me resumir a cronologia. No começo do ano 2.000 visitei o Grupo Escolar José Bonifácio, onde, há muitos anos, concluíra meu curso primário.

Constatei que já não mais havia, na matéria de então, Língua Pátria, a declamação em salas de aula de poesias de nossos clássicos, como ocorria naquela época.

Surgiu-me daí a idéia de relembrar essa valiosa prática e, ao mesmo tempo, resgatar importante fase de nossa literatura.

Após 2 anos de cansativa e gostosa pesquisa, em 2002 lancei a seleta Ouvindo Estrelas, por mim distribuída, gratuitamente, em praças de Beagá. Contendo 59 poesias de 31 autores, comentadas por 62 pessoas de várias partes do país que também viveram aquele período. Um recordar é viver maravilhoso.

Desse modo, naquela ocasião, nasceu o Livro de Graça na Praça, respondendo finalmente sua pergunta.

Ressalto ainda. A antologia foi por várias vezes reeditada e adotada pelo Plano Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) do MEC, que distribuiu 30.000 exemplares a bibliotecas do país.



Estande do Livro de Graça na Praça em Toronto, agregado ao estande brasileiro . Evento cultural internacional realizado em 2018 naquela cidade. Na foto, Arthur Vianna



Parceria com a Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Na fotografia: José Mauro da Costa, Arthur Vianna e Eugênio Ferraz, então Diretor-Geral da Imprensa Oficial

Os maiores desafios enfrentados pelo evento?

Relato apenas o maior de todos. A burocracia localizada, sem dúvida. Havia aqui a necessidade de se obter licença para a distribuição gratuita dos livros em praças públicas. Imagine você: a Prefeitura Municipal de BH exigia a prévia apresentação de 17 (dezessete!) documentos, a serem obtidos em vários órgãos - municipais, estaduais, federais e até mesmo de entidades privadas. Via dolorosa de nossa cultura.

Além da indisfarçada má vontade de alguns funcionários - digo isto amargamente, como eufemismo.

Diferentemente de todos os órgãos de outras cidades, que nos acolheram de braços abertos, com presença oficial de prefeitos.

Nesses anos todos sempre solicitava reunião de cordialidade com os secretários ou subsecretários de cultura da Prefeitura. A vários deles. Não iria pedir nada... apenas para cumprimento e conhecimento recíproco, são de minha área de atuação. Nunca fui atendido, nunca tive qualquer resposta. Assim agiram esses homens públicos. Não perdi o sono por isso.

Mas houve exceções, não é?

Sim, claro! Diria até que a exceção foi essa indiferença antes citada. Quanto a alguns outros órgãos governamentais, obtivemos excepcional apoio.

Total e generoso em certas oportunidades. Da Belotur, da Imprensa Oficial do Estado, da Regional Leste da PMBH (apenas em 2019/2020). E da Câmara Municipal, que, reconhecendo a seriedade e gratuidade de nosso trabalho, incluiu o Livro de Graça na Praça no Calendário Oficial de Festas e Eventos da capital.

Diga algo sobre os concursos e eventos em outras cidades.

Criou-se o Concurso Nacional de Contos, a fim de oferecer oportunidade para novos escritores, brasileiros natos ou naturalizados, ainda que residentes no exterior. Recebemos incontáveis textos de autores de vários estados e do exterior: Japão, Portugal, Estados Unidos. Em 10 edições classificamos 27 novos contistas que, se espera, tenham prosseguido nesse caminho.

Levamos nosso evento a várias cidades, os livros editados com textos novos de escritores locais. Passamos por Uberaba, Manaus, Crato, Uberlândia, São Lourenço e Toronto, assim tornando o evento internacional.

E quanto a parcerias, pode citar e destacar alguma (s)?

A partir de 2006/2007, o evento estabilizou-se e se fortaleceu. Tivemos parceria com editoras da UFMG e da PUC/MG. Em setembro lançamos na Praça da Liberdade a 1ª edição de livro infantojuvenil e distribuimos nosso 5º livro, A Primeira Vez, com tiragem de 14.000 exemplares, esgotados em apenas 3 horas, com público estimado de 20.000 pessoas;

Em 2012 a Imprensa Oficial do Estado concedeu-nos a honra de seu prestígio.

Em 2014 juntaram-se ao LGP a Academia Mineira de Letras, a Associação Mineira dos Magistrados (Amagis) e a Associação Mineira do Ministério Público.

Faça uma idéia. Naquela ocasião, além de 15.000 exemplares de nosso livro, a Amagis e a AMMP chegaram a distribuir, na Praça de Santa Tereza, cerca de 6.000 revistas e quase outro tanto de livros de seus procuradores e magistrados escritores. Entre 8h até 12h de um domingo, toda a oferta se esgotou.

Caso à parte merece notável registro. Com a presença de seu Diretor-Geral e de seus funcionários, a Imprensa Oficial do Estado distribuiu ali um sem-numero de livros e coletâneas maravilhosas de acervo. Era de se ver o brilho nos olhos dos que recebiam preciosa coletânea.

Tudo isso sob o som da banda musical do Corpo de Bombeiros.

Em 2019 concluímos também honrosa aliança com o Instituto Fernando Sabino. Por seu intermédio repartiram-se muitos livros daquele querido autor e incontáveis brindes - o que se estendeu no evento realizado no Crato.

O que mais o motivou? O que mais lhe surpreendeu e qual sua maior alegria?

Houve motivos e incentivos. Discorri sobre motivo em sua primeira pergunta. Mas acrescento o seguinte.

Primeiramente, minha formação, como professor.

Em seguida e não menos importante, a adesão altruísta, nesses 18 anos, de 296 escritores do mais elevado conceito, que paulatinamente se agregaram ao LGP. Concordantes, todos eles, com os objetivos traçados:

- a) desenvolvimento da Educação por intermédio do ler e escrever,
- b) interação entre autores e leitores,
- c) livros novos, de qualidade, com textos originais e
- d) gratuidade

Quanto à alegria.

1) A montagem em largo espaço, pelo Sesc/Senac de vários estandes destinados a crianças. Centenas delas, um bando de passarinhos, a aprontar costumeira barulheira em meio a brinquedos variados. E a ouvir histórias e participar de brincadeiras. Quanto riso, oh, quanta alegria!! Como cantou Zé Kéti. Emocionante, contagiante.

2) Conto um fato inusitado. Em certo evento, uma senhora, com criança no colo, levou minha atenção para uma agitação nas filas (enormes) para recebimento de livros. Cada um querendo passar na frente do outro (fura-fila). O policiamento local foi chamado e, educadamente, pôs ordem na casa, aliás, na fila.

Naquele momento, enquanto televisões registravam o fato inusitado, considerei o que seria inacreditável, chegando a sugerir a pauta para os repórteres, veja só: Num domingo de sol, pela manhã na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, estava ocorrendo um tumulto. Mas não um tumultozinho qualquer, não senhor. Tumulto em busca de livro, por receio de o estoque acabar! ..E esse fato foi divulgado com esse enfoque..



Olavo Romano, então presidente da Academia Mineira de Letras, José Mauro da Costa e Arthur Vianna



Eugênio Ferraz, então Diretor da IOMG; Dinis Pinheiro, então presidente da ALMG; Herbert Carneiro, então presidente da Amagis; Olavo Romano, então presidente da AML e José Mauro da Costa



Xilografia do evento no Crato

“Infelizmente a preterição de governos dessa área fundamental (não educar para governar) torna-me infeliz e a esperança de melhores dias fica anêmica. Nada obstante, é um dos motivos que me permitem vencer obstáculos em cada sala de aula que frequento, em cada Livro de Graça que se realiza.”

A transfusão de energia a que me referi. Episódio como esse tem preço?

Em sua opinião, quais os rumos da Educação no país?

Já se disse que Educação é uma revolução que se faz de cima para baixo. Dever do Estado e da família, como previsto na Constituição Federal. Com nosso Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) tão tão baixo, torna-se menos dever da família e mais do Estado a promoção da Educação, esse processo que alavanca desenvolvimento físico, intelectual e moral da pessoa. E dá sentido à cidadania.

Infelizmente a preterição de governos dessa área fundamental (não educar para governar) torna-me infeliz e a esperança de melhores dias fica anêmica. Nada obstante, é um dos motivos que me permitem vencer obstáculos em cada sala de aula que frequento, em cada Livro de Graça que se realiza. Recebo uma transfusão de energia que me permite enfrentar os desafios do dia a dia.

Voce poderia observar, talvez, o que possa parecer contradição no que acabo de dizer. Não. Permanece em mim a máxima convicção, a vitória do bom e do bem sobre o mau e o mal.

Futuro do LGP?

Concretizada a idéia e difundida a proposta, constata-se sua abrangência. Esparrama-se país afora, como exemplifiquei. A resposta, objetiva, concluo-a com trecho de poema do poeta pernambucano Carlos Pena Filho, dedicado a Tiradentes, a mim enviado pelo querido amigo cearense, José Flavio Vieira. Considero-o extensivo a todos aqueles que não esmorecem, persistem, nunca desistem, se dedicam sem preconceitos ao bem de nossa pátria amada Brasil:

“Não nasce a pátria agora, o sonho mente,
mas, em meio à mentira, sonho e luto
pois sei que sou o espaço entre a semente
e o fruto”

Antes de finalizar, duas informações:

1) 450.000 é o total geral distribuído, de graça, de livros (inclusive infante-juvenis), cordeis e revistas de nossa própria produção e de bibliotecas, editoras e autores em eventuais parcerias. Atingimos, portanto, cerca de 1,3 milhão de leitores, e

2) Em 2016 lançamos em praças o único cordel em baile, de meu conhecimento: “Do selo lambido ao ponto com”, editado e distribuído a todas as associações de cegos pelo Instituto dos Cegos do Brasil (ICB), do Rio de Janeiro.

E para finalizar mesmo - e com o devido respeito e reconhecimento devido aos demais escritores, parceiros, apoiadores - renovo meu agradecimento aos pioneiros do LGP: Arthur Vianna, Olavo Romano e Fernando Fabbrini (este o criador de nossa logomarca, registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).



Homenagem

INSTITUTO
VISCONDE DO



CULTURAL
RIO PRETO

DOMINGOS CUSTÓDIO GUIMARÃES • 1802-1868

ILUSTRE MINEIRO, PATRONO DE UMA INSTITUIÇÃO CULTURAL

Mario Pellegrini Cupello* e Elizabeth Santos Cupello**

Há 30 anos era criado na cidade de Valença, RJ, um Instituto Cultural sem fins lucrativos, tendo como seu Patrono a pessoa de Domingos Custódio Guimarães – o Visconde do Rio Preto, um ilustre mineiro nascido na Fazenda da Rocinha, Distrito de Carrancas, que à época pertencia ao Município de São João del-Rei.

Trata-se do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto – ICVRP, uma instituição criada em razão do amor à cultura, pelo casal Mario Pellegrini Cupello e Elizabeth Santos Cupello, residentes na cidade de Valença RJ.

Fotografias:Acervo dos autores



Câmara Municipal de São João del-Rei.

Solenidade comemorativa por ocasião dos 25 anos do ICVRP

Sobre o Patrono do ICVRP – Domingos Custódio Guimarães

Quando do surgimento do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto – 1990 – seus criadores resolveram homenagear como Patrono, a pessoa de Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto (1802/1868), em razão de sua importância histórica por ocasião do desenvolvimento da cidade de Valença, em meados do século XIX. Vindo do Rio de Janeiro, onde era um importante e bem sucedido empresário, foi proprietário da Fazenda Flores do Paraízo, naquele tempo situada em terras pertencentes ao Município de Valença. Lá construiu um belíssimo Palacete, como

sede de sua Fazenda, à época a maior produtora de café da Região Sul Fluminense.

Foram inumeráveis os benefícios socioculturais, econômicos e de natureza político-administrativa, com que o Visconde beneficiou a cidade de Valença. Por esta razão, entre outras de grande importância, aos 30 anos de existência do ICVRP, novamente este Instituto rende suas homenagens ao Visconde do Rio Preto. Até hoje, decorridos mais de um século, ninguém conseguiu ombrear-se a ele em termos de benemerência.





Museu da Catedral de N. S. da Glória, em Valença RJ
Fase de implantação por Elizabeth Santos Cupello



Entrevista na TV Rio Sul – Rede Globo – em sua sede, em Resende. Esq/dir.: Elizabeth, Mario e Jornalista Teresa Garcia.

Sobre o ICVRP

A criação do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto ocorreu no dia 07 de setembro de 1990, com o objetivo, entre outros, de divulgar a cultura valenciana; preservar a memória e o patrimônio cultural de Valença e região; reunir; investigar; coordenar e divulgar conhecimentos históricos, científicos e artísticos; bem como promover a difusão e o desenvolvimento da cultura brasileira.

Esta instituição nasceu a partir de um Centro de Preservação da Memória, criado em 1976 por Elizabeth Santos Cupello. Com o surgimento do ICVRP em 1990, este Centro foi a ele incorporado, como o mais importante de seus órgãos.

Ao longo de sua existência, este Instituto Cultural encarregou-se da implantação de museus – como o Museu da Catedral de Nossa Senhora da Glória, em Valença – além de dar apoio e planejamento estatutário para a criação de novas instituições culturais, como ocorreu em cidades nos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Quando da idealização do ICVRP, seus criadores convidaram ilustres personalidades do cenário cultural brasileiro, para comporem com eles um Quadro de Membros Fundadores. Entre outros convidados, pertencem a este Quadro: Museólogos do Museu Imperial de Petrópolis; Historiadores; Escritores; e Profissionais Liberais em diversas áreas.

Este Instituto Cultural – que possui ilustres Membros Correspondentes, em especial no Estado de Minas

Gerais – vem realizando um importante trabalho de divulgação da cultura nacional em vários Estados brasileiros, e até no exterior, através de convênios culturais com diversas organizações nacionais, notadamente em Valença, Niterói, Vassouras, Petrópolis, Juiz de Fora, Santos Dumont, Barbacena, São João del-Rei, Tiradentes, Ouro Preto e Mariana – e internacionais, em Portugal, Alemanha, França e Itália.

Realiza exposições de natureza cultural, promove Cursos, Simpósios e Palestras. Contribui, culturalmente, com bibliotecas dos Estados do Rio e de Minas Gerais, através do fornecimento de livros, revistas e periódicos. No Estado do Rio, colabora com o Poder Público Municipal e Estadual, desde a sua fundação, através de Projetos e sugestões para o resgate da rica memória histórica do Município de Valença e da Região Sul-fluminense.

Mantém permanente convênio com a Academia Valenciana de Letras, instituição onde os dirigentes deste ICVRP são Membros Efetivos. Ambos, por mais de 12 anos ficaram à frente do Conselho Diretor da AVL, quando a presidência esteve a cargo de Elizabeth Santos Cupello.

Em várias cidades, o ICVRP apóia e realiza Palestras, Exposições, Projetos e Visitas Culturais, além de parcerias com várias instituições, como: UFOP; Museu da Inconfidência (Ouro Preto); Museu Cabangu (Santos Dumont); IHG e Academia Letras de São João del-Rei; Fundação Oscar Araripe (Tiradentes), entre outras.

Principais ações e realizações do ICVRP

Ao longo de seus 30 anos de funcionamento em nosso País e no exterior, este Instituto desenvolveu importantes ações culturais. Seguem algumas delas, de forma cronológica:

- » Exposição histórica sob o título “Valença – Sertão, Aldeia, Vila e Cidade”, realizada pelo então Centro de Preservação da Memória de Valença, no espaço da Fundação Educacional D. André Arcoverde. Essa exposição foi um importante garimpo na história de Valença; 1987.
- » Exposição Filatélica “Flores Literárias”. Com o apoio dos Correios e Telégrafos, do Rio de Janeiro; 1990.
- » Realização do “1º Simpósio de Orientação à Mulher” – com aulas práticas e teóricas sobre Direito do Trabalho, Medicina, Meio-Ambiente, Segurança contra incêndio, História e Curso de Gastronomia. 1991. Palestras, Debates e Aulas práticas, com Certificados.
- » Realização da “1ª Exposição de Fauna e Flora Brasileiras” de 23/11 a 15/12/1991: apoio cultural de cinco instituições Culturais e Museus do Rio de Janeiro.
- » Promoção de um Curso Filatélico, com apoio dos Correios do Rio de Janeiro - 1993.
- » Implantação de um Museu de Arte Sacra e popular: “Museu da Catedral de Nossa Senhora da Glória”, pela Drª Elizabeth Santos Cupello, através de seu Centro de Preservação da Memória, após dois anos de recuperação, por ela, de peças, imagens e objetos. Implantação final em 1995.
- » Exposição “Vida e Obra de Santos Dumont”: com o apoio dos Correios (Valença e Rio de Janeiro); do Museu Aeroespacial (RJ); e do Museu Cabangu (MG). Esta Exposição foi levada a efeito no Salão do Rotary Club de Valença – 2001.
- » Concurso Literário sobre Alberto Santos Dumont, com alunos da rede pública municipal, em Valença e em Rio das Flores RJ. Com Certificados e visita ao Museu Cabangu, MG.
- » Doação de Distintivos de Lapela para o IHG e a Academia de Letras de São João del-Rei – 100 unidades para cada Instituição.
- » Produção e Redação de uma revista cultural – “Revista Chafariz - Fonte de Informação” – que circulou em Valença e em outras cidades dos Estados do Rio e de Minas Gerais, durante dez anos.
- » Criação e redação (bilíngue) de uma edição da Revista “Valença, Opção de Investimentos” - 1998, a pedido da Prefeitura Municipal de Valença, para a apresentação da cidade, visando a atração de novas indústrias. Esta revista circulou em vários Estados brasileiros; nos EEUU e na Itália.



Outorga da Medalha da Inconfidência, em Ouro Preto, MG
Elizabeth Santos Cupello recebendo a Medalha



Outorga da Medalha da Inconfidência, em Ouro Preto
Mario Pellegrini Cupello, este tendo ao lado, Dr. Angelo
Oswaldo e Diácono Agostinho Barroso



Cidadania Honorária outorgada para Elizabeth e Mario
Cupello, pela Câmara Municipal de Ouro Preto MG, como
reconhecimento pelas atividades culturais desenvolvidas
em Ouro Preto MG



Participação do ICVRP em uma das solenidades na Fundação Oscar Araripe. Tiradentes MG



Participação, à época, em reunião Academia de Letras de São João del-Rei
Presidente Dr. Wainer de Carvalho Ávila



Participação, à época, em reunião no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. Presidente Dr. José Antônio de Ávila Sacramento

- » Elaboração de um Projeto de autoria do ICVRP, encaminhado à Câmara Municipal de Valença, que criou a “Comenda Visconde do Rio Preto”, a maior honraria concedida pelo Município. Aprovado pela Câmara e homologado pelo Prefeito de Valença.
- » Elaboração de um Projeto, através do ICVRP, encaminhado à ALERJ, denominando o trecho da Rodovia que liga as cidades de Valença e Rio das Flores, como “Rodovia Alberto Santos Dumont”. Aprovado pela Câmara dos Deputados e homologado pelo Governador do Estado.
- » Por inspiração de intelectuais de São João del-Rei, o ICVRP criou o Projeto “Dia da Liberdade” que, apresentado à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, foi aprovado e homologado pelo Governador do Estado em 2009.
- » Apoio à denominação de uma rodovia, em São João del-Rei, aprovada pela Câmara Municipal daquela cidade, como: “Avenida Visconde do Rio Preto”, homologada pelo Prefeito da cidade.

Sobre a data da criação do ICVRP

Quanto à data de criação do ICVRP, no dia “sete de setembro”, a razão também é de natureza histórica, além da reiteração da homenagem ao Visconde. Embora Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, tenha nascido no dia 23 de agosto de 1802, ele fazia questão de comemorar o seu aniversário natalício no dia sete de setembro. Tanto assim que em sua lápide, sua viúva, a Viscondessa fez gravar a data de sete de setembro como sendo a data de seu nascimento.

Decorridas três décadas de criação do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto, a nossa homenagem à pessoa de seu Patrono, Domingos Custódio Guimarães, o são-joanense “mais valenciano” e de maior benemerência em toda a história de Valença RJ.

Seu coração magnânimo, que tanto ajudou a nossa cidade, permanece para sempre entre nós, repousando ad aeternum em seu imponente mausoléu, na cidade que ele tanto amou.

***Presidente**

****Vice-Presidente e Diretora do Centro de Preservação da Memória do ICVRP**



A CACHOEIRA DOS DEFUNTOS DE SANTANA DO GARAMBÉU

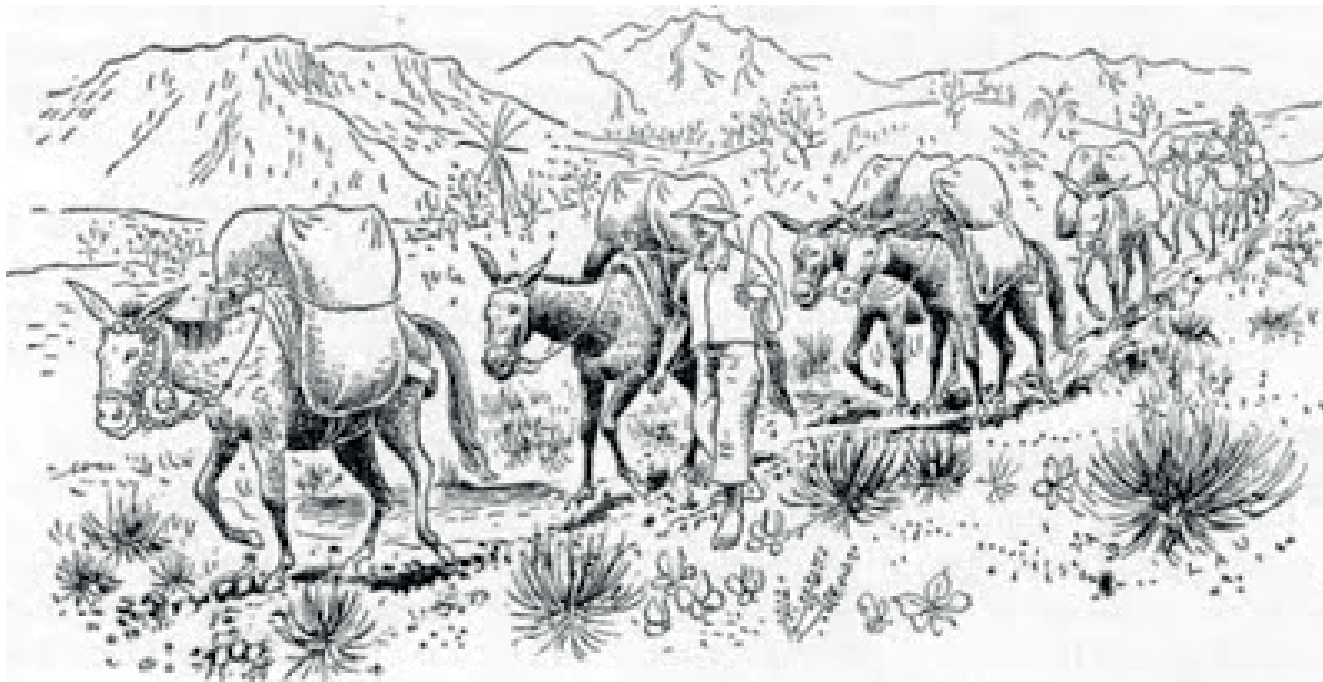
Marcos Paulo de Souza Miranda*

Fotografias: Acervo do autor



No município de Santana do Garambéu, no Campo das Vertentes de Minas Gerais, a aproximadamente 8 km da cidade, na divisa com o município de Santa Rita de Ibitipoca, existe uma imponente cachoeira com poços profundos e três lindas quedas formadas no Ribeirão da Bandeira, afluente do Rio Grande.





A beleza da cachoeira, entretanto, contrasta com o nome fúnebre que lhe foi atribuído: Cachoeira dos Defuntos.

Segundo a tradição oral, ainda no século XIX, a Fazenda Pinheirinho, onde a cachoeira estava situada, era de propriedade de um homem de sobrenome D'Ávila, que ali mantinha um rancho de tropeiros com acomodações para os viajantes que transitavam pela região, sobretudo fazendo negócios envolvendo bois e porcos para abastecer o Rio de Janeiro.

O movimento das tropas era intenso e o pagamento feito pelos tropeiros, conquanto módico, representava um ganho razoável para o estalajadeiro.

Contudo, D'Ávila era homem ganancioso e logo percebeu que poderia ganhar mais dinheiro se subtraísse os pertences de seus hóspedes quando passavam com altas somas nas canastras, subindo em direção às fazendas de gado, para fazerem seus negócios.

A partir de então, ele passou a selecionar os tropeiros mais abastados para aplicar o seu terrível plano. Quando descobria a presença de comerciantes com altas somas em seu rancho, D'Ávila tratava com especial atenção a comitiva, inclusive franqueando cachaça gratuitamente a todos os integrantes, que se di-

vertiam em volta da fogueira, tocando viola e contando casos descontraidamente.

Durante a madrugada, quando todos dormiam de forma profunda, D'Ávila e seus sequazes, ávidos pelo ouro e pelas moedas trazidas pelos viajantes, tiravam a vida dos hóspedes tropeiros com extrema rapidez e violência. Os corpos ensanguentados das vítimas eram em seguida amarrados em pedras e jogados no poço mais profundo da cachoeira fronteira ao rancho, desaparecendo sob as águas do ribeirão.

Não se sabe exatamente quantas foram as vítimas do estalajadeiro assassino, mas fato é que ainda hoje existem pessoas que afirmam terem presenciado ossos humanos nas várzeas adjacentes ao Ribeirão da Bandeira após enchentes.

Conta-se que, certa feita, houve uma grande seca na região e um enorme número de ossos ficaram à mostra no areal da cachoeira. Uma senhora viúva, dona de uma fazenda na região do Morro do Chapéu, teria mandado que seus escravos recolhessem os ossos das infortunadas vítimas de D'Ávila, sendo acondicionados em sacos de couro e levados, em um carro de boi para sepultura no adro da Capela de Santana do Garambéu.

No ano de 1949, quando trabalhava fazendo decorações no interior de fazendas da região, o pintor alemão Walter Kessler sensibilizou-se com a triste história dos tropeiros assassinados.

Em um dia de folga, o pintor que morava em Andrelândia, pegou seus materiais de trabalho, enfurnou-se em uma gruta existente no sopé da cachoeira e no seu teto pintou uma Nossa Senhora.

Aos pés da divina mãe de Cristo, Walter fez uma súplica em favor das vítimas cujos corpos ali haviam sido jogados tempos atrás, deixando escrito: **VELAE POR ESTES.**

Passados setenta anos, a pintura ainda existe.

Um testemunho da triste história daqueles que sucumbiram na Cachoeira dos Defuntos.



***Promotor de Justiça; ex-Coordenador das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de MG; Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**





BRASIL E O PRÊMIO NOBEL 1

O BRASIL É UM EXCLUÍDO DO CONHECIMENTO HUMANO?

Silvestre Gorgulho*

Cinco Copas do Mundo, oito campeonatos de Fórmula e nenhum Prêmio Nobel.



O Brasil ganhou cinco Copas do Mundo. Mas nunca ganhou um Prêmio Nobel. O Brasil ganhou oito campeonatos de Fórmula Um. Mas nenhum Nobel. Nunca ter recebido um Prêmio Nobel, a maior honraria científica, cultural, literária e tecnológica do mundo, significa que o Brasil é um excluído na área do conhecimento humano? Não é bem assim. Vários brasileiros são reverenciados por suas invenções e trabalhos: o mineiro Alberto Santos Dumont (1873-1932) inventou o avião.



O padre gaúcho Roberto Landell de Moura (1861-1928) foi pioneiro na transmissão da voz humana sem fio. A abreugrafia é brasileira, inventada pelo médico paulista Manuel Dias de Abreu (1894-1962) propiciou o diagnóstico de doenças como a tuberculose. O eletrotécnico mineiro-brasiliense Nélio José Nicolai (1940-2017) criou um sistema que permitia identificar chamadas de telefone. O padre paraibano João Francisco de Azevedo (1814-1880) teve a ideia de adaptar um piano de 24 teclas para que pudesse imprimir letras em papel. A Remington comprou a ideia e passou a fabricar a máquina de escrever. O imunologista Vital Brasil Mineiro da Campanha (1865-1950)

criou o soro antiofídico. O médico e sanitarista Oswaldo Cruz (1872-1917) pioneiro no estudo das moléstias tropicais, quase chegou ao Prêmio Nobel. Os Irmãos Villas-Boas, Orlando, Leonardo e Cláudio - por sinal meus padrinhos de formatura na UFMG/1972 - chegaram a ser indicados ao Nobel da Paz pela defesa incontestável da causa indígena e criação do Parque do Xingu. Falou-se muito, também, num Nobel de Literatura para Guimarães Rosa (1908-1967) que revolucionou a literatura brasileira e provocou a atenção das elites intelectuais do mundo. Mas mesmo assim, com histórico tão favorável à Humanidade, o Prêmio Nobel nunca chegou ao Brasil.

Fotografias:Acervo do autor



Médico, cientista e sanitarista, Oswaldo Cruz foi responsável pelo combate de doenças infecciosas que matavam milhares de brasileiros no início do século XX, como a peste bubônica, a febre amarela, a varíola e a tuberculose, transformando e idealizando um novo modelo de gestão em saúde pública no Brasil.

NOBEL: 840 PREMIAÇÕES

A premiação, concedida por méritos, foi dada 817 vezes a indivíduos e a 23 organizações. No placar de premiações, o Brasil perde feio. Para a Argentina de 5 a zero. O país mais premiado com o Nobel é os Estados Unidos com 369 laureados. Portugal tem dois Nobel (Antônio Egas Moniz e José Saramago). O Chile tem dois (Gabriela Mistral e Pablo Neruda) e o Peru tem um (Vargas Llosa).

Para 2021, o ex-ministro da Agricultura do governo Geisel (1974-1981) é o primeiro indicado para o Nobel da Paz. Seu nome acaba de ser protocolado no 'The Norwegian Nobel Committee'. A indicação partiu de várias entidades, capitaneadas pelo Diretor da Escola Superior Agricultura 'Luiz de Queiroz', professor Durval Dourado Neto, e assina-

da pelo Reitor da USP. Também pelo ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio na Escola de Economia de SP, da FGV, e Embaixador da FAO para as Cooperativas. Com qual justificativa? Simples: Paolinelli abriu caminho para a saída do Brasil e dos países tropicais da dependência alimentar. Graças ao seu trabalho, hoje o Brasil é o líder mundial nas tecnologias de produção da agricultura e pecuária tropical que salva os países situados nas regiões equatoriais e tropicais do Planeta - quase sempre as mais pobres. Como o Brasil conseguiu fazer essa Revolução Verde tropical? **Porque deixou de ter a mentalidade de colônia para procurar resolver seus problemas com as próprias mãos.**



Professor Durval Dourado Neto, Diretor da ESALQ, protocola a indicação do ex-ministro Alysso Paolinelli para o Nobel da Paz.



A proposta inicial da premiação para o Brasil partiu do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

REVOLUÇÃO VERDE TROPICAL

Alysson Paolinelli entendeu e provou que, diferente do setor industrial, a produção de alimentos tem características distintas de um lugar para outro. Fabricar um produto industrial é simples. Pagam-se royalties e faz igual. Ou importa-se um carro, coloca-se uma equipe de engenheiros especializados, desmonta-o e reproduz cada peça.

Na agricultura não é assim. Uma coisa é fazer agricultura no hemisfério de clima temperado, em terras férteis, onde a neve elimina a maioria das pragas e ainda irriga o solo pelo degelo. Outra coisa é fazer agricultura sustentada em terras tropicais. O solo precisa ser corrigido, sementes adaptadas, há que fixar o nitrogênio no solo, fazer o controle biológico de pragas, ajustar condições de plantio e colheita. Não há como copiar.

O norte-americano Norman Borlaug (1914-

2009) Nobel da Paz de 1970 deu o grande passo para garantir a paz no mundo, produzindo alimentos em quantidade e qualidade no hemisfério norte. Como Borlaug, Alysson Paolinelli não é filósofo, nem líder comunitário e muito menos ativista. Ambos, profissionais da agronomia e da biologia vegetal, souberam lutar para melhorar a produtividade na agricultura. Borlaug ganhou o Nobel da Paz por ter feito a Revolução Verde nos países de clima temperado. Paolinelli merece o Nobel por ter feito a base para o Brasil ocupar a dianteira do desenvolvimento agropecuário no clima tropical. A Revolução Verde Tropical salvou o Brasil da fome. E salvará o mundo. A pandemia deixa a grave e derradeira lição: Sem comida não há paz.

***jornalista, ex-secretário de Cultura de Brasília, editor da Folha do Meio (Ambiente)**

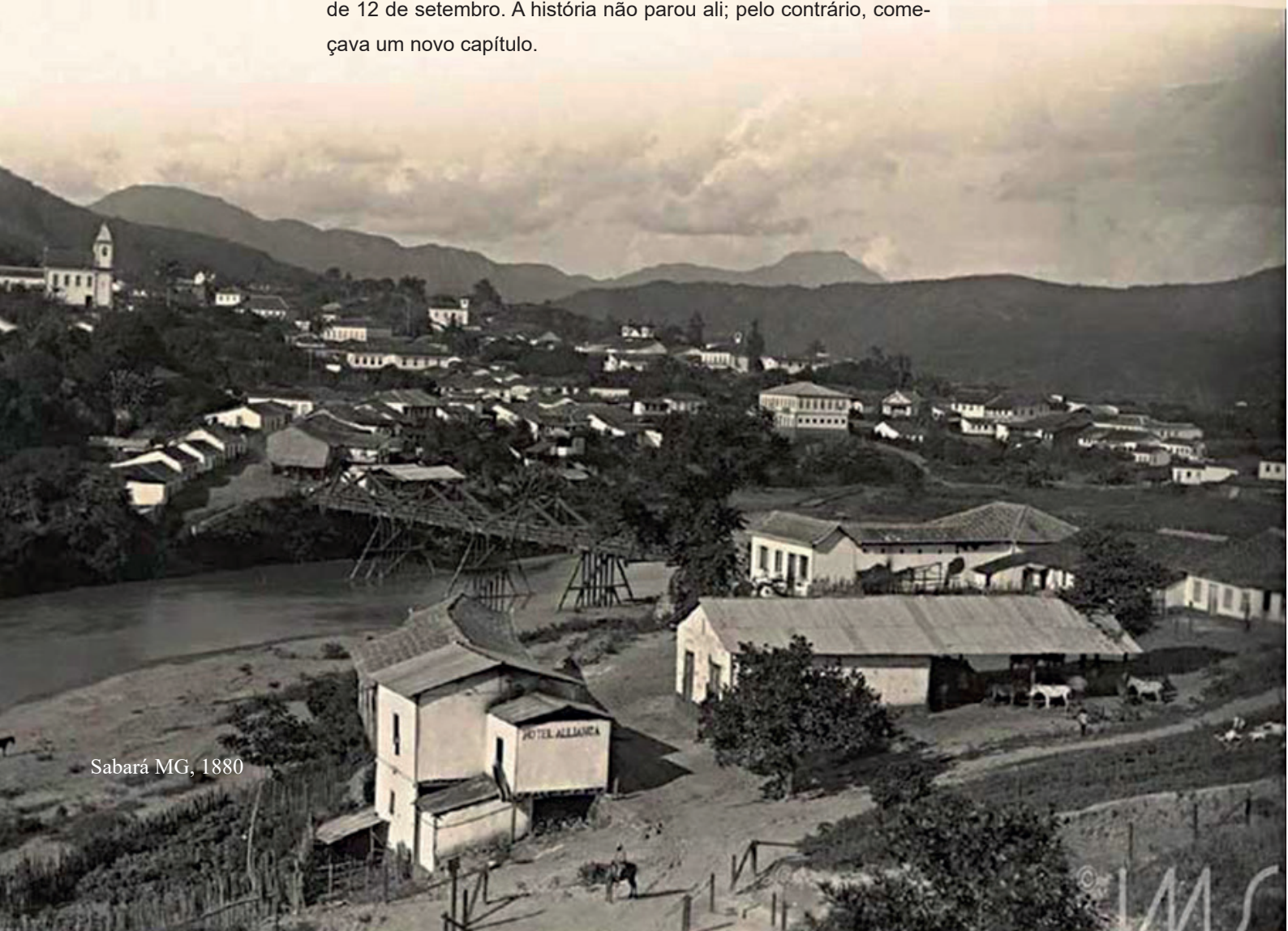
História

Em busca de ouro, nas pegadas de Borba Gato **SABARÁ**

Manoel Hygino dos Santos*

2020 é especialíssimo para Minas Gerais, embora a tragédia da Covid, com muitos e muitos milhares de vidas devastadas no Brasil, pelo vírus que invadiu o planeta no princípio praticamente do ano. De fato, três séculos antes, 1720 assinalara a efetiva institucionalização da Capitania de Minas, então desmembrada da de São Paulo e de Minas de Ouro, pela Carta Régia de D. João V, de 12 de setembro. A história não parou ali; pelo contrário, começava um novo capítulo.

Sabará MG, 1880





Em 1711, o governador Antônio de Albuquerque Coelho e Carvalho criou as três primeiras vilas das Minas Gerais: Ribeirão do Carmo, hoje Mariana; Vila Rica, hoje Ouro Preto; e Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, hoje apenas Sabará.

A última foi conhecida em épocas distintas por várias formas, de nome, resultando na contrata de Itabaraba, Iraberaba, Itá-beraba, isso é, a *pedra que reluz* – ou *crystal*, ou também *grandes olhos brilhantes*, se se quiser. A criação foi em 17 de maio de 1711 e, inicialmente, sua jurisdição compreendia toda a parte do território da Capitania não abrangida pelas primitivas jurisdições de Vila do Carmo e da Vila Rica, ou seja, todo o Oeste, Triângulo, Nordeste e Leste, uma imensidão de terra.

O governador de Minas, Israel Pinheiro, troçava comigo que Sabará era um lugar excelente para se construir uma cidade. Ciúmes

talvez ou mera brincadeira de quem nasceu ali do lado, em Caeté, que somente alcançou a distinção de vila em 1714, no dia 29 de novembro. No mínimo, Sabará ganhou em termos de tempo, recebendo a outra o nome de Vila Nova da Rainha do Caeté.

Nos primórdios de empreitada dos colonizadores, apareceram bandeirantes baianos e paulistas na região. As informações são várias. Em 1573, saiu a bandeira de Sebastião Fernandes Tourinho de Porto Seguro, seguindo o roteiro de Espinosa. No ano seguinte, foi a bandeira de Antônio Dias Adorno, que teria descoberto esmeraldas. Mas houve outros. Bandeirantes paulistas foram numerosos, interessados em ouro, esmeraldas e em aprisionar índios.

Zoroastro Viana Passos, médico saba-rense e historiador emérito, que escreveu várias obras sobre a história de Sabará, com farta documentação e pesquisa em todos os arquivos de



Anoitecer no centro histórico de Sabará MG

Sabará, Ouro Preto e no Arquivo Público Mineiro, em seu “Em torno da História de Sabará”, escreve: “o baiano audaz, muito antes do paulista, na viagem de penetração de Spinosa, viera aos sertões de Sabará, muito antes de Vila Rica e Mariana”. O autor, na obra citada, afirma: “eu divido as honras da descoberta das minas do Rio das Velhas – por princípio, entre Bartolomeu Bueno, em primeiro lugar, e Borba Gato, pois assim deve ser, porque aquele palmilhou antes deste”. Há, ainda na “História Antiga das Minas Gerais”, uma nota que diz: “Manoel Afonso Gaia foi dos primeiros descobridores e povoadores do Carmo e Sabará”. Este o provável descobridor e povoador principal de Sabará. Existe até, a dois quilômetros da cidade, o vestígio da casa onde ele morou, junto ao ribeiro do Gaia, que lhe conserva o nome. “Segundo Rocha Pombo, Manoel de Borba Gato – cumprindo determinação de seu

sogro Fernão Dias Paes, deveria continuar os “descobrimientos de Sabarabussu”. “Daí se conclui que a região era conhecida já àquela época” e Borba Gato teria explorado as minas do Rio das Velhas no arraial de Santo Antônio da Mouraria, hoje simplesmente Arraial Velho. Contestado Borba Gato como descobridor das paragens do Sabarabussu”, de limites imprecisos, não lhe é negada a glória, porém, de fundador de Sabará. “Não registra a História, com justeza, a data da fundação do arraial. Todavia, admitindo-se tenha sido Manoel de Borba Gato seu fundador, essa data estará entre 1672 e 1678”.

Sabará se consagrou, no decorrer do tempo, como um dos maiores centros de exploração de ouro, embora as divergências sobre sua história e os que por lá passaram ou lá se estabeleceram. Primeiro povoador ou não, Manoel Afonso Gaia é um personagem desta fase desafiadora



Interior do Teatro Municipal

da civilização mineira, enquanto Borba Gato se firmou como fundador da futura Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu. Abrigou a Casa da Intendência para cobrança do quinto, isto é, dos 20% que Lisboa cobrava pela extração de ouro. Recebeu fama de riqueza e adquiriu prestígio. Para mostrar gratidão, D. Pedro I lhe concedeu o título de Fidelicíssima, em 1823. Em 1838, em 6 de março, foi elevada a cidade, recebendo o nome atual.

Sabará se fez um Eldorado (ou quase) para os colonizadores, em finais do século XVII. Ouro havia, e muito. Constituíu um dos maiores núcleos de mineração aurífera da província e aquele que mais o encaminhava à Coroa. Tanto que se instalou a Casa da Intendência ou uma Casa da Fundição para cobrança do precioso metal ali extraído. Se era o apogeu, não agradou aos mineradores, por motivos óbvios.

Consta que a povoação nascida com Borba Gato foi o pequeno Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande, na outra margem do Rio das Velhas, em frente à cidade de hoje, mais ao alto.

No princípio do século XIX, Sabará era dividida em Cidade Velha e Cidade Nova. Aquela, onde hoje se localizam as igrejas de Nossa Senhora do Ó e Nossa Senhora da Conceição, e a Cidade Nova a região que abrange o centro histórico e a parte baixa, em direção ao rio.

Foi em Sabará que morreu um dos delatores da Inconfidência Mineira, o coronel do regimento de auxiliares de Paracatu, Basílio de Brito Malheiro do Lago. Morreu amaldiçoando o Brasil e os brasileiros e temendo ser executado em algum beco escuro, punido pelo povo por delação. De lá também saiu um dos mais implacáveis devassantes da Inconfidência, o desembargador César Manitti, ouvidor da Comarca e escrivão do tribunal que condenou os Inconfidentes.



Museu do Ouro



Chafariz do Kaquende está localizado na rua da República, em Sabará MG

É a cidade histórica mais próxima de Belo Horizonte. As duas se interligam. E Sabará tem muito a mostrar. Entre as atrações, os casarões do centro, do século XVIII e XIX. As da antiga Rua Direita, agora Pedro II, a mais importante por seu conjunto arquitetônico, tombado pelo IPHAN. O Solar do Padre Corrêa ou de Jacinto Dias, construído em 1773, possui escadarias em jacarandá e talha da terceira fase do Barroco Mineiro, hoje sede da Prefeitura. Lá se hospedaram personagens ilustres como Dom Pedro I e Dom Pedro II. O padre Corrêa é identificado como um dos Inconfidentes. Outro casarão famoso é o chamado Casa Azul, mas também Casa Borba Gato, que – aliás – nunca ali residiu. Localiza-se na antiga Rua da Cadeia.

Chafarizes, há diversos, dos quais o mais famoso é o do Kaquende, de 1737, na Rua São Pedro, antigo centro urbano. Diz-se que quem bebe de sua água não deixa de voltar. Mas há também o do Rosário, junto à Igreja inacabada pelos escravos da Irmandade dos Homens Negros, na Praça Melo Viana, e o da Corte Real.

Além dos templos mencionados, existem as igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de 1763, com obras do Aleijadinho; Nossa Senhora das Mercês, de 1781, dos homens pardos, de linhas arquitetônicas simples e sem ornamentações internas; Nossa Senhora da Assunção, no distrito de Ravena; São

Francisco de Assis, de 1781, Capela de Sant’Ana, no Arraial Velho, o de Borba Gato. Afora outras capelas, como a de Santo Antônio, no distrito de Pompéu; Nossa Senhora do Rosário, em Ravena; Nossa Senhora do Pilar, na terra Santa; e Nosso Senhor Bom Jesus, no Morro da Cruz, além das capelas dos Passos, erguidos pela cidade.

Há, também, os prédios das antigas Casas da Câmara e Cadeia, do século XIX, perto do Kaquende, que os pintores usavam como modelo, e o Museu do Ouro, por muitos anos dirigido pelo intelectual Antônio Joaquim de Almeida, esposo da escritora Lúcia Machado, autora de “Passeio a Sabará”, que recebeu o sobrenome após o enlace.

Na antiga Casa da Intendência e Fundação de Ouro funciona o Museu do Ouro, que conserva objetos ligados ao período da extração do minério em Minas. Mas há ainda peças do mobiliário luso-brasileiro. Nos séculos XVIII e XIX, como pratarias, arte sacra, aparelhos de chá, gomis e lavandas.

Quando no Palácio da Liberdade (1966 – 1971), Israel Pinheiro não transmitiu o governo ao sucessor sem entregar a Sabará e ao patrimônio cultural de Minas o seu Teatro, inaugurado em 2 de junho de 1819, aniversário da infanta Dona Maria da Glória, Princesa da Beira. No repertório, as apresentações incluíam “Maria Tereza, a imperatriz da Áustria” e “Zelo damor”.



Arquitetura da Igreja de Nossa Senhora do Ó
mistura influências barroca e chinesa



A igreja está localizada na Praça Getúlio Vargas no centro de Sabará, MG. Popularmente conhecida por “Igreja Nova” ou “Grande”, a igreja ganhou esses apelidos por substituir uma capela no mesmo local. Contudo, apesar da denominação, tem documentos que datam sua construção em 1718.



Fotografia: Dlee saxx — Wikipedia

Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Projetada pelo mestre Tiago Pereira, sua obra iniciou em 1763 e foi finalizada apenas em 1847.

A casa de espetáculos se transformara em depósito de móveis quebrados, garrafas e tudo mais inservível. Incumbido pelo chefe do governo, o arquiteto consagrado Amedée Peret promoveu integral e fantástica recuperação de bem tão nobre. Com uma das melhores acústicas da América Latina, o teatro dentre outros quesitos, não poderia ser destruído. Foi resgatado e hoje é ponto obrigatório aos turistas, além de servir à arte.

Mas Sabará e sua gente têm muito mais a oferecer, como os festivais de Jabuticaba, que encontraram local



Bernardo Gouvêa — Wikipedia

Ruínas da Igreja do Rosário. Erguida como capela em 1713, esta igreja tem apenas ruínas, uma vez que não foi finalizada. Os escravos que iniciaram suas obras em 1768 abandonaram a construção com a abolição da escravidão, em 1888.

adequado nos quintais das casas. E o do Ora-pro-nobis, hortaliça de alto valor alimentício e medicinal, todos oferecendo à velha cidade efetiva relevância cultural.

Neste 2020, tudo mudou por causa da pandemia. Mas o prefeito Wander Borges assegura que, ano que vem, Sabará voltará com toda sua história e vontade de agradecer a quem venha de qualquer lugar do Brasil. Ou do exterior.

***Jornalista,
membro da Academia Mineira de Letras**

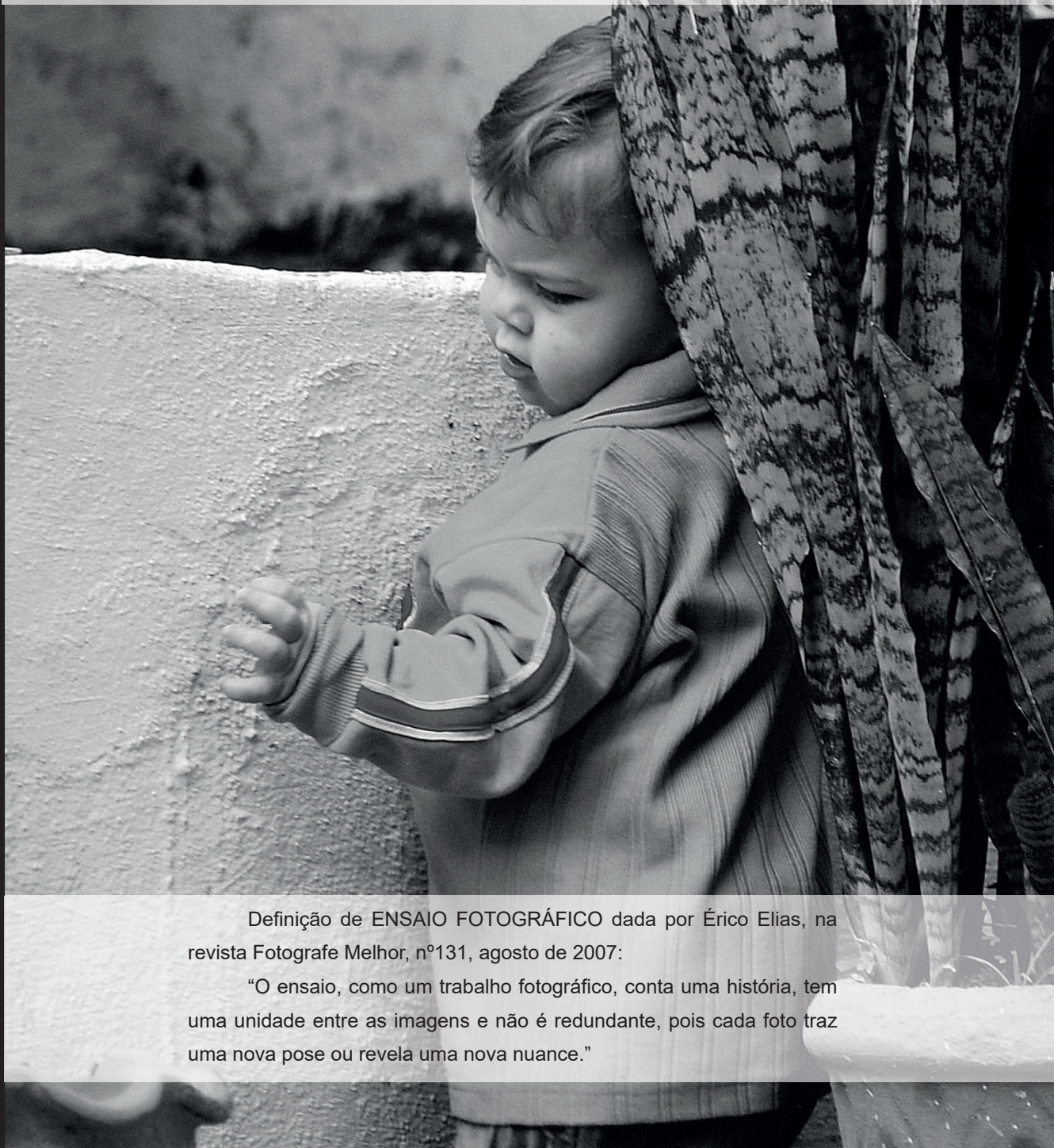
Fotografia:Google Street View



Igreja de Nossa Senhora das Mercês em Sabará MG

Dono da Bola: meu sobrinho Bernardo

Dimas Guedes*

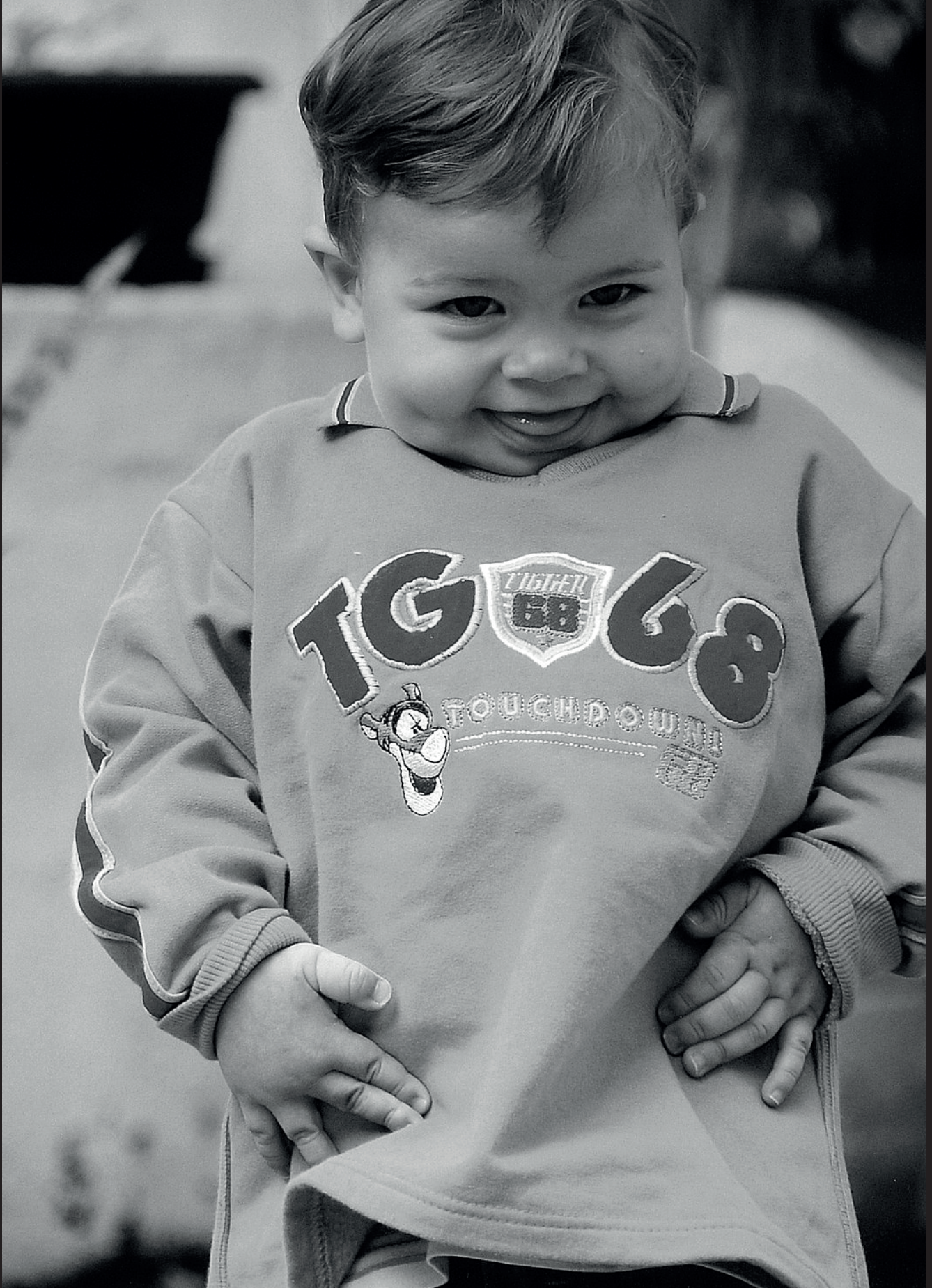


Definição de ENSAIO FOTOGRÁFICO dada por Érico Elias, na revista Fotografe Melhor, nº131, agosto de 2007:

“O ensaio, como um trabalho fotográfico, conta uma história, tem uma unidade entre as imagens e não é redundante, pois cada foto traz uma nova pose ou revela uma nova nuance.”











“Se a bola soubesse o encanto que tem, não passava a vida rolando de pé em pé.”

Armando Nogueira

*Fotógrafo, engenheiro e professor aposentado da UFOP

RESTAURAÇÕES SINGULARES NO BRASIL

e outras experiências acerca do patrimônio nacional



Projeto do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural | INDIC, viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo a Cultura.

São dois volumes que versam sobre restaurações de importantes monumentos nacionais, mostrando em imagens e detalhes técnicos, aliado a aspectos históricos suas trajetórias e recuperações pelo país, resumindo algumas delas e detalhando a do Convento dos Mercedários e sua anexa Igreja das Mercês de Belém do Pará, no volume I e o Teatro Amazonas no volume II.

Contém, ainda, o primeiro volume, cópia de instigante processo judicial do século XIX, cujo resultado deu à Fazenda Nacional, por vários anos, a posse da Igreja. Discussão jurídica, na época da recém instalada república, recheada por conceitos que deram, posteriormente, origem ao Código Civil Brasileiro.

Para adquirir seu exemplar a preço promocional entre em contato: indic.br@gmail.com



Patrocínio | volume I



Patrocínio | volume II



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



memoriacult.com.br

A sua revista de cultura agora na internet.
Veja artigos veiculados nas edições impressas
em atualizações constantes.

Curta nossa página

facebook.com/MemoriaCult



Mais informações: memoriacult@gmail.com